

O petróleo como factor de instabilidade: o exemplo africano

GENERALIZOU-SE, nos últimos anos, uma tendência crescente em sustentação da ideia de que, de alguma forma, os conflitos do futuro teriam como *pano-de-fundo* a competição por recursos escassos, com particular ênfase sobre os recursos hídricos. Peça central em muitas reflexões sobre as dinâmicas conflituais em gênese, a água conquistou espaço como possível factor de impulso ao confronto inter e intraestatal. Tal posicionamento resultaria, entre outros aspectos, da substituição do factor de perturbação “petróleo” por algo mais básico, mais banal e sobretudo menos óbvio, cuja característica determinante seria a indissociabilidade da existência humana.

O simples equacionar desta possibilidade resultava, assim, numa miríade de receios em torno de um cenário de competição pela própria sobrevivência, com níveis de violência crescentes. Perante sociedades “dependentes de petróleo”, e perante a finitude incontestável deste recurso e considerando o carácter moroso da substituição deste por energias alternativas, o petróleo conquistou espaço nevrálgico para o mundo contemporâneo. Já a água, insubstituível, progressivamente escassa, também um recurso finito, ameaçava abrir uma *caixa de pandora* de ameaças à segurança humana.

Um novo paradigma de conflitualidade?

Ora se esta não será, de facto, uma realidade negligenciável, a verdade é que o ritmo de substituição do petróleo pela água como ponto nevrálgico no delinear de conflitos vem sendo modesto, num contexto em que será, porventura, de considerar, em alternativa, a convivência deste elementos ao invés, pelo momento, de uma dinâmica de substituição.

A convicção de que os conflitos do futuro seriam pelo acesso a fontes de água foi veiculada de forma substantiva pelas palavras de Ismail Serageldin, vice-presidente do Banco Mundial, em 1995, com a já célebre afirmação “*the wars of the next century will be over water*”, mas não se esgotou nelas. A consciência da natureza transfronteiriça de muitos cursos de água, níveis crescentes de *stress* hídrico em algumas regiões, em articulação com alterações climáticas geradoras de desequilíbrios

ambientais com projecção sobre a disponibilidade de recursos hídricos, constituíram factores importantes e sustento da relevância e premência do tema.

Contudo, pese embora a multiplicidade de conflitos e situações de instabilidade (latente) onde a água assumirá relevância, permanecem ainda com visibilidade os exemplos onde será de considerar, ainda, a preponderância do factor petróleo. Dois elementos contribuirão para esta realidade: o valor económico do petróleo e a sua difícil partilha entre actores.

O valor económico da água está ainda longe de acompanhar a sua real importância e a consciência de que se trata de um recurso re-

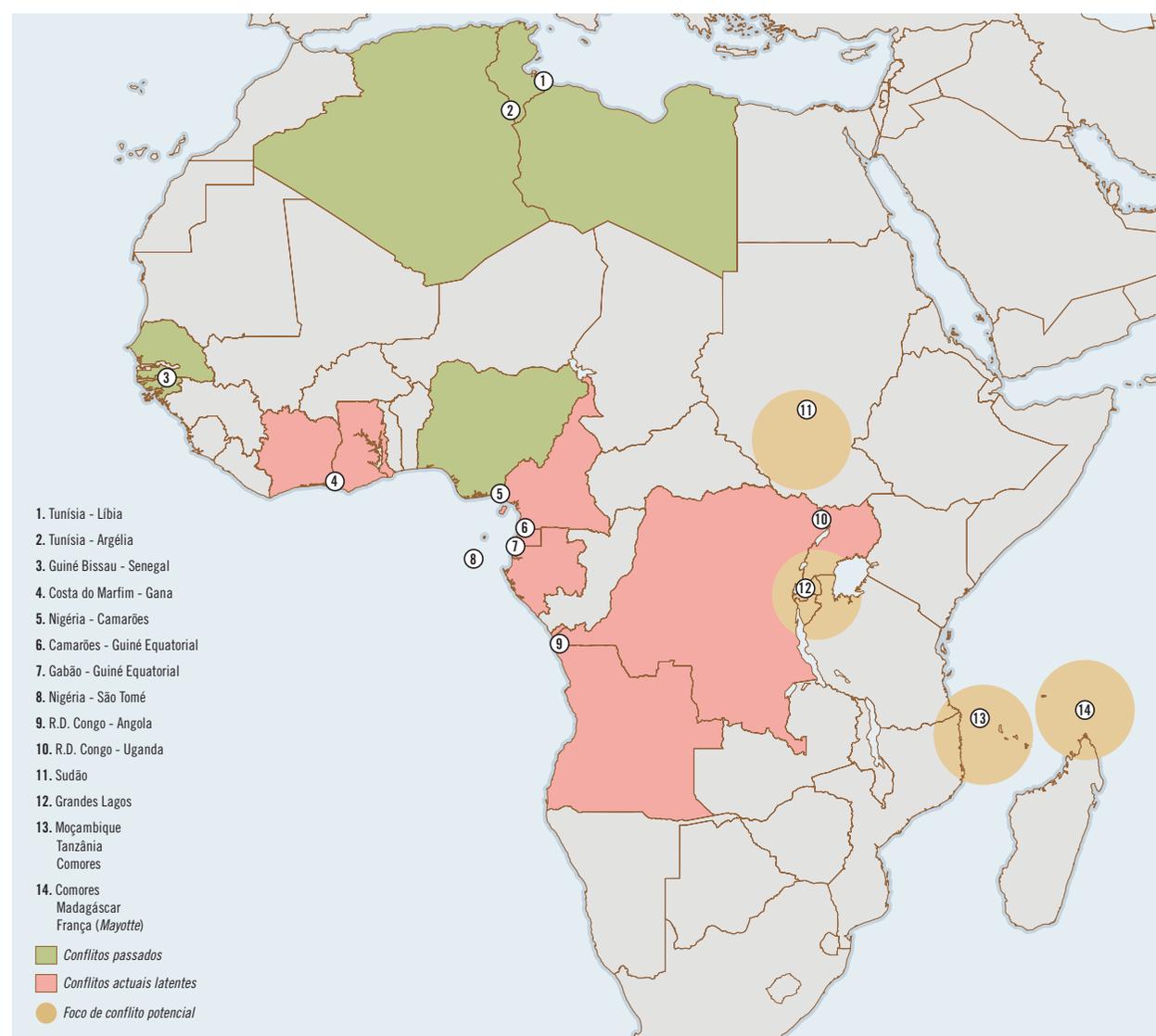
novável, mas finito. O valor do petróleo acompanha a perspectiva da inevitabilidade da sua exaustão, espelha a dependência do mesmo e reflecte dificuldades associadas à sua exploração. Assim, se muitos avançam com cenários em trono da escassez tendencial de recursos hídricos, coexistirá com esta realidade a ainda centralidade do acesso a fontes de petróleo. No caso africano, a situação evidencia uma talvez maior visibilidade, estimulada por diversos factores:

(i) o facto de estarmos perante economias frágeis cujo processo de crescimento vem conhecendo obstáculos estruturais e conjunturais múltiplos, para as quais a exploração e ulterior comercialização de petróleo representará uma possibilidade de fuga ao subdesenvolvimento crónico. De algum modo, o exemplo nigeriano no aproveitamento do potencial petrolífero africano terá sustentado a visibilidade de novos projectos de exploração

em outros contextos geográficos, assumindo-se como paradigma de um acesso a factores de enriquecimento;

(ii) o facto de se tratar de um continente de características específicas no que concerne à delimitação de fronteiras. Herança de um passado de colonização a que acresceram independências recentes e Estados frágeis – por vezes conotadas com diversos conflitos – as fronteiras africanas reflectem, ainda, potencial de conflito;

(iii) o facto de África constituir, em muitos aspectos, um continente inexplorado e/ou percebido como subexplorado, onde permanecerão zonas não estudadas quanto ao seu possível potencial em matéria de recursos naturais, nomeadamente petrolíferos, num contexto em que o exaurir de zonas ditas tradicionais de exploração petrolífera impulsionarão uma incessante busca de novos locais de extracção;



África e o Petróleo. Fonte: Les frontières de la discorde, Jeune Afrique, Março de 2010, Dossier. Disponível em: <http://www.jeuneafrique.com>

(iv) estarmos defronte de equilíbrios regionais voláteis, propensos à desestabilização;
 (v) a existência de contextos base em fomento de processos de tensão latente na actualidade e em articulação com um passado de antagonismos ainda presentes, com influência sobre relacionamentos bi e multilaterais;
 (vi) a limitada capacidade regional e continental face à gestão de possíveis conflitos, a que se associa uma modesta articulação de competências em matéria de gestão e resolução de conflitos;
 (vii) a pacificação de algumas regiões ofereceria, agora, um contexto mais consentâneo com a exploração petrolífera, suscitando o maior interesse de grandes multinacionais.

Ou o “regresso” do velho paradigma?

De um modo geral, esta realidade africana poderá ser enquadrada em duas categorias principais: as situações novas, no âmbito das quais se procede ao delinear de novos pontos de atrito, e a reavaliação de situações antigas cujas dinâmicas ainda não perderam pertinência. Na categoria das situações novas, o lago Albert, que serve de fronteira parcial à República Democrática do Congo (RDC) e ao Uganda, actuará em possível prenúncio de eventuais

disputas futuras, pelo momento contidas. De ingredientes pautados pela instabilidade, sobre este lago recairão expectativas face a eventuais reservas petrolíferas, suscitando o possível interesse internacional. Limites imprecisos e traçados fronteiriços por clarificar em pormenor colocam frente a frente dois Estados com um lastro de conflitualidade recente e cujo relacionamento permanece eivado pelo peso de um processo de cruzamento de instabilidades que marcou parte da década de noventa e início da presente década, impulsionado por um referido envolvimento ugandês na crise congoleza.

“**Permanecerão ainda com visibilidade os exemplos de conflito onde será de considerar a preponderância do factor petróleo.**”

Ainda neste contexto, será de considerar a situação que coloca *frente a frente* a Guiné Equatorial e o Gana pela soberania do arquipélago de Mbanié, localizado na baía de Corisco, costa atlântica, na zona fronteiriça entre os dois países¹. Reunindo três pequenas



Sudão: petróleo e fronteira. Fonte: <http://www.alvoices.com>

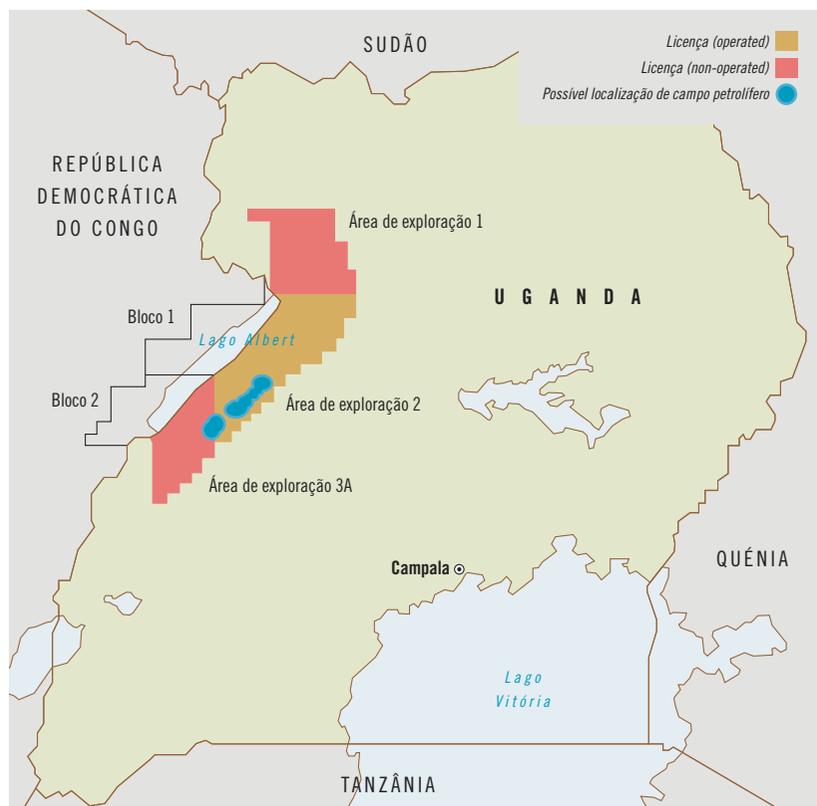
ilhas – Mabnié, Cocotiers e Conga – sobre a região recai a expectativa de existência de consideráveis reservas petrolíferas em impulso à maior visibilidade de uma antiga querela fronteiriça, nunca integralmente resolvida entre os dois países. À semelhança de outras situações em África, também neste caso assume-se como elemento de especial interesse o carácter pouco preciso de traçados de fronteiras coloniais cujo rigor e localização é hoje contestado. No caso em apreço, desde 1972 que esta questão se coloca, assumindo referida relevância o texto do Tratado de Paris de 1900, entre a Espanha e França, antigas potências coloniais na região².

No campo das situações já mais conhecidas da comunidade internacional, e também reflectindo o peso do acesso a recursos naturais sobre dinâmicas sociais frágeis, encontrar-se-á a situação no delta do Níger, que vem colocando a Nigéria perante os desafios decorrentes do desenvolvimento de uma instabilidade crónica com contornos de violência crescente e que opõem movimentos insurgentes – entre os quais será de destacar o Movimento para a Emancipação do Delta do Níger (MEND) – contra as autoridades centrais. No âmbito destes processos será possível encontrar, entre outros aspectos, o factor petróleo. Neste caso

assumirá importância um aludido sentimento de marginalização das populações do delta face aos rendimentos decorrentes da exploração petrolífera na zona³. De igual modo, o tenso relacionamento entre o Norte e o Sul do Sudão, não obstante encerrar múltiplas outras vertentes, evidenciou, num passado recente, também, o peso do factor acesso a recursos naturais, nomeadamente petróleo. Neste quadro a situação referente à região de Abyei assumir-se-á como exemplo paradigmático do peso exercido pelo “ouro negro” sobre dinâmicas instáveis, envolvendo população e governos⁴. ■

Notas

¹ “Gabon-Equatorial Guinea: UN mediates dispute over Corisco Bay Islands” in IRIN – Humanitarian news and analysis, disponível em <http://irinnews.org/report.aspx?reportid=48239>.
² PASTOR, Sergio Ruiz – “El contencioso de las islas Mbanié; arreglando los desaguisados de la política colonial española” disponível em www.siged-diplomatique.com; “Gabon, Equatorial Guinea resolving border crisis” Afrol News disponível em www.afrol.com/articles/18259; “Gabon Equatorial Guinea: UN mediates dispute over Corisco Bay islands” 23 de Junho de 2004. Disponível em: <http://www.irinnews.org>
³ “The Swamps of Insurgency: Nigeria’s Delta Unrest”, Africa Report n.º 115, 3 de Agosto de 2006. Disponível em: <http://www.icg.org>
⁴ “Sudan: Breaking the Abyei Deadlock” Africa Briefing N.º 47, 12 de Outubro de 2007, International Crisis Group. Disponível em: <http://www.icg.org>



Exploração petrolífera no lago Albert. Fonte: Uganda, DRC: Eyes on the Prize of Lake Albert, Stratfor. Disponível em: http://www.stratfor.com/analysis/uganda_drc_eyes_prize_lake_albert